

Nº3 || Julho - Outubro 2010

Portugal Cont. 6,50€

Itinerante

CAMINHAR
WALKING

CONHECER
KNOWING

CONVIVER
SOCIALIZING



CONHECER

A VIDA DE SANTIAGO,
VESTÍGIOS DOS CAMINHOS
EM PORTUGAL,
MOTIVAÇÕES DOS PEREGRINOS

ENTREVISTA COM
FREI BENTO DOMINGUES

CONVIVER:
UMA BOA AJUDA
PARA O CAMINHO

POR TRILHOS

DO CAMINHO DE SANTIAGO, EM ANO JACOBEU

PERCURSOS PEDESTRES

WWW.ITINERANTE.PT



5 601073 006781

OBJECTIVO: SANTIAGO DE COMPOSTELA

Ninguém fica indiferente ao tema “Caminhos de Santiago”. Por razões religiosas ou culturais, ou até mesmo turísticas, os Caminhos de Santiago fazem, cada vez mais, parte dos projectos de muitos caminheiros. Parece estar a iniciar-se um novo ciclo de peregrinações a Santiago de Compostela, como muitos outros nos últimos mil anos!

Este é um tema obrigatório para a Itinerante, pois os Caminhos destinam-se essencialmente a peregrinos a pé, embora possam ser percorridos a cavalo e, mais recentemente, de bicicleta. Ao publicarmos esta edição em Julho de 2010 estamos também a fazê-la coincidir com uma importante efeméride: o dia do Santo – 25 de Julho – num ano Jacobeu (uma vez que esse dia coincide com um domingo), o que só irá acontecer novamente daqui a 11 anos.

Um dos muitos Caminhos que chega a Santiago de Compostela, vindo do sul, é o Caminho Português, muito ramificado no território nacional uma vez que os peregrinos tinham os mais variados interesses e origens. Damos nesta edição uma panorâmica destes Caminhos, apresentando algumas etapas variadas e dispersas. Os percursos incluem normalmente troços muito bonitos, mas também outros menos aprazíveis, uma vez que o objectivo prioritário comum a todos eles é um só: levar o peregrino rumo a Santiago de Compostela.

A norte do Tejo já existem bastantes etapas marcadas no terreno, mas a sul foi necessário desenvolver muito trabalho, com o apoio do nosso consultor científico, José António Falcão, um dos investigadores mais conceituados nesta área. Para além do seu contributo no âmbito dos artigos Conhecer desta edição, permitiu-nos ainda publicar pela primeira vez a etapa de Santiago do Cacém, que irá ser, provavelmente, a adoptada oficialmente para o Caminho das gentes que vinham do (ou pelo) Algarve. Santiago do Cacém foi de facto um dos pontos importantes de passagem dos peregrinos, como mostram, ainda hoje, inúmeros indícios, o que nos permitiu nesta edição fazer a ligação de Santiago a Santiago!

Viaje connosco também através da História, pela vida de Santiago – Tiago, discípulo de Jesus – e pela origem das peregrinações ao seu túmulo, pela descoberta de referências a rotas jacobéias em vários locais de Portugal, pelo ancestral papel do *Promontorium Sacrum* (promontório de Sagres) no culto religioso ao longo dos tempos. Partilhe os testemunhos de alguns peregrinos a Santiago de Compostela e conheça mais sobre as motivações dos peregrinos em Portugal no século XXI.

Finalmente, e como sempre com a Itinerante, conheça alguns locais onde poderá repousar e retemperar as forças após a caminhada.

Nuno Gama Nunes



The Caminho de Santiago (Way of St. James) is a most relevant subject to Itinerante, since it is essentially for pilgrims who travel on foot, although it can also be travelled on horseback and more recently by bicycle. This edition of the magazine coincides with an important date: St. James's day – the 25th July – in a Holy or Jubilee Year (since this day falls on a Sunday), something that will not happen for another 11 years. One of the many routes to Santiago de Compostela is the Portuguese Way, of which there are many established paths in Portugal. In this magazine we will offer an overview of the Way and present a few of these paths in detail. Come travel with us through History as well: read about the life of St. James and the origin of the pilgrimages to his tomb; read the testimonials of some pilgrims to Santiago de Compostela and learn more about the motivations of the Portuguese pilgrims of the 21st century.

ÍNDICE

Propriedade e Edição:

Itinerante - Divulgação Histórica e Cultural, crl.
NIPC 508951500
Morada (Sede/Redacção):
Rua Abranches Ferrão, 23-3º, 1600-296 Lisboa
info@itinerante.pt
www.itinerante.pt

Direcção:

Nuno Gama Nunes

Redacção:

José Constantino Costa (coordenador
CONHECER)
- jose.costa@itinerante.pt
Nuno Gama Nunes (coordenador CAMINHAR)
- nuno.nunes@itinerante.pt
Carlos Vaz (coordenador CONVIVER)
- carlos.vaz@itinerante.pt
Carlos Oliveira
Duarte Vilar
Frederico Gonçalves
Miguel Ângelo (cartoon)

Fotografia:

Luis Ribeiro
- luis.ribeiro@itinerante.pt

Tradução:

Casimira Albuquerque
Maria João Batalha Reis

Produção Gráfica:

Joana Oliveira
Miguel Vaz
Susana Gama

Web Design:

CoreFactor - IT Consulting & Design

Publicidade:

publicidade@itinerante.pt

Assinaturas:

assinaturas@itinerante.pt

Impressão:

SIG - Sociedade Industrial Gráfica
Rua Pêro Escobar, 21
2680-574 Camarate

Distribuição:

Logista Portugal

Tiragem:

8.000 exemplares

Periodicidade:

Quadrimestral

Registo ERC n° 125763
Depósito Legal n° 301328 / 09
ISSN n° 1647-4082

CORREIO DOS LEITORES **04**

MOMENTOS CAMINHEIROS **14**

CONHECER

O(A) CAMINHO DE SANTIAGO **16**

A VIDA DE SANTIAGO **20**

IGREJA MATRIZ DE SANTIAGO DO CACÉM **22**

A CAMINHO **23**

ESTANTE **26**

À CONVERSA COM FREI BENTO DOMINGUES **28**

FAZER-SE À ESTRADA **32**
por Pedro Soares

O CAMINHO PORTUGUÊS DA COSTA **36**

CAMINHOS DE SANTIAGO
CAMINHOS DO MUNDO **38**
por José António Falcão

OS CAMINHOS PORTUGUESES PARA
SANTIAGO DE COMPOSTELA **42**

ALENTEJO COMO PONTO DE PARTIDA
RUMO A SANTIAGO DE COMPOSTELA **45**

PORTALEGRE E ELVAS NO CAMINHO
DE SANTIAGO **46**
por Margarida Garcez

PROMONTORIUM SACRUM **48**

CARTOON **52**
por Miguel Ângelo

CAMINHAR

- 54** LOCALIZAÇÃO DOS TRILHOS
- 55** DO CERCAL A SANTIAGO DO CACÉM
- 59** DA AZAMBUJA A SANTARÉM
- 63** DO RABAÇAL A CERNACHE
- 67** DE RUBIÃES A VALENÇA DO MINHO
- 71** CAMINHO PORTUGUÊS NA GALIZA
De Valença a Santiago de Compostela em 5 etapas
- 80** MICRO-TRILHO SANTIAGO DE COMPOSTELA
- 82** INFORMAÇÕES SOBRE OS TRILHOS

CONVIVER

- 84** NÃO SÓ DE PÃO E VINHO SE ALIMENTA O CORPO
- 86** UMA RECOMPENSA MEREcida
- 87** UMA BOA AJUDA PARA O CAMINHO
- 88** SEM FUSÃO NEM CONFUSÃO
- 90** COMIDINHA BEM ACABADA
-
- 92** O MELHOR DUCHE DA MINHA VIDA, PROVAVELMENTE
por Duarte Vilar
- 93** BLOCO DE NOTAS





Santiago do Cacém N38° 00' 46.6" W8° 41' 12.6"

MOMENTOS CAMINHEIROS

por MARIA LETRA

RITMOS

Aqui estou eu em mais uma belíssima caminhada! Paisagens lindas, tempo ameno, gente simpática, quanto basta de situações aventureiras. — “...pic...pic...pic...”. — “Zuuuummm!” Lá vai um Fotógrafo_Vai_Vem posicionar-se de novo na frente do “pelotão” depois de se ter deixado ficar para trás a tirar fotografias. Do conjunto de caminheiros que vêm armados com máquinas fotográficas, estes são os que mais me agradam. Não se perdem – ao contrário dos Fotógrafos_Borboleta que se esquecem de tudo levados pelo objecto da sua arte –, não atrasam a marcha – ao contrário dos Fotógrafos_Cheese que organizam fotografias de grupo em tudo o que é recanto de dimensão suficiente –, nem põem em perigo os caminheiros – ao contrário dos Fotógrafos_Emplastro que páram de repente no meio do caminho para focarem o próximo objecto a fotografar.

— “...pic...pic...pic...”. Só um senão neste idílio. — “...pic...pic...pic...”. Fui apanhado pelo suave, mas constante, martelar de um Picareta_Falante. — “...pic...pic...pic...”. Não conhece nenhum Picareta_Falante? Nem sabe o que são? Garanto-lhe que sabe e que até conhece algum!... Toda a gente conhece pelo menos um! — “...pic...pic...pic...”. — “Zuuuummm!”.

Os Picaretas_Falantes têm um discurso quântico – não pode ser mais pormenorizado. Mesmo para alguém com muita imaginação, a descrição de uma ida à praia é isso mesmo – uma ida à praia! De tão pormenorizada, a descrição não dá espaço a nada que não estivesse mesmo

lá, a nada que não tivesse acontecido, a nenhuma forma alternativa de ver as coisas.

— “...tic-tac... tic-tac...” — “Ó Zé, isto não desenvolve, estamos atrasadíssimos!” Ali vai um Organizador_Em_Stress, a mãos com os compromissos que estabeleceu com as forças vivas do nosso local de destino. — “...tic-tac... tic-tac...” — “...pic...pic...pic...” — “Zuuuuuuuummmmmmmmm!!” (este Fotógrafo_Vai_Vem estava particularmente atrasado!).

Um Picareta_Falante não se consegue interessar, por mais que queira, pelas histórias dos outros. Até podemos ouvi-lo perguntar, entusiasmado, “Então, conta lá! A viagem, como correu?”. Mas não nos deixemos enganar... Rapidamente o Picareta_Falante pegará nalguma palavra que usámos e começará a contar alguma história quântica ocorrida com ele ou com alguém conhecido. Ou, igualmente, pegará nalguma palavra proferida por algum amigo num grupo ao lado e interromperá essa conversa do lado com a sua história quântica, deixando-nos a falar sózinhos...

— “...pic...pic...pic...”. Oops! Quase que tropeçamos num Fotógrafo_Emplastro que foca,

com toda a calma, o objecto da sua próxima fotografia. Desta vez não dá mesmo para o rodear. Temos que parar... — “Atenção aí atrás! Parem!... Não houve choques? Ninguém se magoou?” Ótimo! Agora é esperar. — “...pic...pic...pic...” — “Já agora”, diz alguém, — “Aproveitemos para verificar se não falta nenhum Fotógrafo_Borboleta”.

Pobre Organizador_Em_Stress...! — “...pic...pic...pic...” Pobres forças vivas da vila...! — “...pic...pic...pic...” — “...pic...pic...pic...” ■

— “... TIC-TAC... TIC-TAC...”

— “...PIC...PIC...PIC...”

— “ZUUUUUUMMMMMMM!!”



CONHECER

KNOWING

O(A) CAMINHO DE SANTIAGO

por José Constantino Costa

O Caminho de Santiago, o primeiro Itinerário Cultural Europeu a ser declarado pelo Conselho da Europa, em 1987, considerado Património da Humanidade, pela UNESCO em 1993 e galardoado com o Prémio Príncipe das Astúrias em 2004 é uma das grandes referências da Europa, cabendo a Portugal um papel de relevo já que a nossa proximidade à Galiza torna o Caminho Português o segundo mais percorrido, a seguir ao Caminho Francês.

"Fazer" o Caminho, seja com motivações espirituais ou religiosas, culturais ou desportivas é uma experiência única e marcante. Há até quem diga que "fazer" o Caminho é viciante e que depois de o terminar fica logo a vontade de o repetir!

COMO FAZER O CAMINHO

É uma decisão pessoal, claro! Depende do "gosto" de cada um e, obviamente, do tempo disponível. Importante é a condição física e psicológica. Não descure este aspecto; não é fácil fazer o Caminho e aconselha-se, por isso, bem-estar "interior" e físico ao se lançar nesta aventura! A maioria fá-lo a pé, mas há também quem recorra à bicicleta ou ao cavalo. Para ter uma ideia, o Caminho Francês, a pé, desde a fronteira, demora quase um mês a percorrer; fazer o Caminho Português, partindo do Porto, é uma semana a andar.

Se tenciona fazer, pelo menos, 100km a pé ou a cavalo ou 200km de bicicleta, leve consigo a Credencial do Peregrino. Obtém-se em qualquer paróquia do Caminho e é ela que dá o "estatuto" de peregrino, que "abre as portas" dos albergues e o diferencia dos outros viajantes... Além de o identificar, a credencial inclui espaços que, ao longo do caminho, vão sendo preenchidos por carimbos (*sellos*, em castelhano) que atestam a passagem do peregrino por esse local. Os *sellos* obtêm-se nos albergues, igrejas e estabelecimentos comerciais como hotéis, bares, restaurantes, etc. Mas até particulares têm carimbo para *sellar* as credenciais...

Há peregrinos que "recolhem" muitos mais carimbos do que a credencial comporta, fazendo verdadeiras colecções de *sellos* do Caminho de Santiago...

QUANDO IR

A Primavera e o Outono são o momento ideal para se fazer ao caminho; temperaturas amenas, alguns aguaceiros refrescantes e gente q.b., são razões mais do que suficientes para escolher esta altura.

Há quem prefira o Verão – 25 de Julho é o Dia de Santiago – e muitas vezes são as férias que obrigam a isso, mas se puder não o faça: o calor aperta, o Sol queima e os albergues estão lotados.

O Inverno é também uma alternativa; mas se o fizer nessa altura vá ainda melhor preparado e... agasalhado. A chuva é muita, o frio também e a neve pode aparecer. Não encontrará muita gente no Caminho, o que até pode ser bom, mas tem o reverso da medalha: há albergues encerrados.

O QUE LEVAR

A propósito de agasalhos, é importante ir bem "equipado" para o Caminho. Claro que depende da época do ano e da forma como vai fazer o caminho. Mas há meia dúzia de aspectos de que não se pode esquecer. O calçado é fundamental; os pés têm que se sentir confortáveis e "aconchegados". Uma má escolha significará bolhas e nada é mais desagradável que isso. A mochila, para quem faz o Caminho transportando-a, também é determinante. Aconselha-se que o peso da mochila não exceda os 15% do peso do caminheiro. Por isso, leve apenas o necessário. Pode aproveitar os finais de tarde para lavar roupa... Também não se esqueça do protector solar – mesmo no Inverno, às vezes o Sol aparece e queima mesmo – nem do poncho – mesmo no Verão, às vezes a chuva cai e molha mesmo... No fundo da mochila tem que estar a malinha dos primeiros socorros. Nunca se sabe o que nos espera...

ONDE FICAR

Nos albergues de peregrinos, claro! Há muitas outras alternativas – o Bono Iacobus, um serviço turístico lançado pelo Turismo da Galiza, em que os peregrinos ficam alojados em casas de turismo rural é uma boa solução (www.turgalicia.es) – mas nada se compara ao espírito que se vive nos albergues. Conhece-se e conversa-se com gente de todo o

mondo! E não fique perturbado com o ressonar do “vizinho do lado”. Daí a pouco, vencido pelo cansaço da jornada, vai estar a dormir profundamente. Como um anjinho, talvez...

ONDE COMER

A maioria dos peregrinos vai “piquenicando” ao longo do dia. Um bosque frondoso, o adro de uma igreja ou uma pedra à sombra de uma árvore na curva de um ribeiro são locais maravilhosos para retemperar forças e beber um iogurte, comer uma peça de fruta ou o *bocadillo* comprado ao pequeno-almoço. Ao jantar haverá tempo e fome para recuperar as calorías perdidas. E esteja atento; ao longo do Caminho há muitos restaurantes que têm “Menu do Peregrino” o que, em princípio, lhe garante doses generosas a preços económicos.

O QUE COMER

A cozinha galega é uma das mais conhecidas e apreciadas de Espanha. É uma cozinha marinheira e camponesa.

O *pulpo* (polvo) constitui o prato mais popular da Galiza; cozido inteiro, cortado aos pedacinhos, temperado com azeite, colorau e sal. Outro prato famoso é o *lacón con grelos*. O *lacón* é a pata dianteira do porco, cozida, e os *grelos* (nabiças) são as folhas do nabo pequeno. O *caldo gallego* é prato habitual na alimentação dos galegos; é uma receita de “combate” ao frio e à humidade, com *berzas* (couves), feijão branco e, dependendo da “economia” do cozinheiro, presunto, chouriço e costeletas de porco.

Os mariscos merecem uma referência especial. As regiões de La Coruña, Vigo e El Grove, são os paraísos das ostras, santolas, sapateiras, perceves, amêijoas e lagostins. Um dos pratos de marisco mais típico é a vieira, que se serve na própria concha e que se prepara fazendo um picado de cebola, salsa e pão ralado, que cobre a concha, gratinando-a depois no forno.

Quanto a sobremesas, os galegos, gente bastante gulosa, apresentam variedade: experimente as *tartas episcopales* (bolos cobertos de frutas) ou de amêndoa como as *tartas de Santiago*, as *filoas* (as nossas filhoses) e uma espécie de bolachinhas doces, as *rosquillas* (argolinhas).

Nos vinhos, a Galiza tem uma produção típica: o *Ribeiro*, um vinho um pouco ácido, que se bebe em tacinhas de louça (no nosso Minho chamam-se a estes “copos” malgas...) e o *Albariño* (o nosso Alvarinho, da região de Monção e Valença), um vinho de grande qualidade, trazido para estas paragens pelas freiras vindas da região do Reno. Uma palavra final para os célebres pimentos de Padrón. Já sabe: *unos picam y otros non...*

O BOTAFUMEIRO Um símbolo da Catedral de Santiago

Imagine-se na Idade Média, na Catedral, rodeado de peregrinos... Já sentiu o cheiro? Insuportável! Alguns lavaram-se em Lavacolla, às portas de Santiago, mas a maior parte chegou aqui em estado lastimoso, depois de vários meses a caminhar...

Desde os primórdios que a necessidade de purificar o ambiente na Catedral – assim como a própria liturgia – justificava o uso do incenso, mas foi no século XV, oferta do rei francês Luís XI, que surgiu o Botafumeiro, um enorme incensário, feito em prata. Foi substituído em 1554, e foi esse que, em 1809, as tropas napoleónicas, durante a Guerra da Independência espanhola (em Portugal, “chamamos” Guerra Peninsular) levaram e transformaram em moedas de prata da República Francesa.

O actual Botafumeiro, criado por José Losada, em 1851, e restaurado, em 2006, por Luís Molina Acedo, pesa 80kg e tem 1,60m de altura. Da corda que o prende ao tecto da Catedral saem as oito cordas que os «tiraboleiros» manejam com arte e perícia. É agora que vai bater no tecto da Catedral... Não. Ainda não foi desta... Ficou perto!



O QUE FAZER QUANDO CHEGAR A SANTIAGO

A sua primeira “obrigação” é ir à Oficina del Peregrino (Rua do Vilar, 1) carimbar, pela última vez, a Credencial e obter a Compostela, o “certificado” de ter feito o Caminho. É o momento alto da peregrinação. O reconhecimento de que valeu a pena o sacrifício...

Depois, corra para a Catedral e cumpra os rituais. Por exemplo, dê três cabeçadas na testa de Mestre Mateo na esperança que a sabedoria do arquitecto construtor da Catedral passe para si e abrace o Santo confiando que os seus desejos sejam concedidos. Depois assista à Missa do Peregrino e delicie-se com o Botafumeiro. Nesse momento, com o “Hino a Santiago Apóstolo” a ser cantado sentirá que está com “pele de galinha”. Não se incomode: é sinal de que está feliz!

OS SÍMBOLOS DOS CAMINHEIROS

Se o actual caminheiro gosta de exhibir o seu bastão em fibra de carbono, leve e resistente ou as suas botas de sola *Vibran* com isolamento térmico e antiderrapante, o antigo peregrino também tinha os seus “símbolos”. Da tradição dos Caminhos de Santiago fazem parte três elementos: a vieira, a escarcela e o bordão.

Vieira – Por que razão um molusco das praias da costa está associado a um caminho que é maioritariamente do interior? É porque muitos peregrinos, depois de atingi-

rem Santiago de Compostela, prolongavam a sua peregrinação até ao Cabo Finisterra, em adoração ao pôr do sol e, aí chegados, como prova da viagem, apanhavam da praia as vieiras. Se, segundo a lenda, Santiago chegou à Galiza por mar, a vieira assumiu-se, também, como um símbolo das peregrinações a Compostela.

Escarcela – Pequena bolsa de couro que se prendia à cintura. Era aí que se guardavam as moedas com que se custeava a peregrinação.

Bordão – O caminho é longo e todas as ajudas são preciosas. Para ajudar, os peregrinos apoiavam-se numa vara, o bordão, de onde pendia uma cabaça cheia de água ou vinho. ■

IGREJA MATRIZ DE SANTIAGO DO CACÉM

por JOSÉ CONSTANTINO COSTA

Não se intimide com a subida. É íngreme e deve ser feita com cuidado – as pedras puídas pelo tempo e pelas gentes são traiçoeiras – mas quando se atinge o topo, o esforço dispendido é duplamente compensado: do adro, a vista arrebatada, a paisagem esmaga; na igreja “respira-se” paz, solenidade. O mesmo espírito que se “vive” nas igrejas galegas que estão ao longo do Caminho. Influência do apóstolo? Talvez... provavelmente!

E sente-se o peso da História. Por aqui passam, desde a Idade Média, peregrinos a caminho de Compostela. Uns vinham do *Promontorium Sacrum* (Promontório de Sagres), outros vinham de Espanha e atravessavam o Alentejo, zona mais plana e segura que a meseta ibérica. Alguns eram gente importante, mas a maioria era gente anónima, despojada de bens, com lugar “reservado” na missa para trás da coluna que ainda tem gravado na pedra *PAUCI*, pobres, em latim. Perto da entrada, para que os odores pes-

tilentos não incomodassem as famílias nobres da zona – como os Murzelo de Mendonça que têm campa sepulcral em lugar de destaque.

O templo foi construído no século XIII e beneficiado nas primeiras décadas do século seguinte, a expensas da Princesa Vetaça Lezcaris, aia da Rainha Santa Isabel, detentora da comenda de Santiago do Cacém entre 1310 e 1336. Sofreu novas intervenções em 1530, 1704 e entre 1796 e 1830. Esta última, consequência do terramoto de 1755, modificou a sua orientação – a entrada passou a ser feita pelo local onde estava a capela-mor – e aumentou-a.

Ao longo dos séculos XIX e XX a igreja passou por momentos conturbados – dois incêndios de alguma dimensão, o último dos quais, em 1912, levou à transferência da paróquia para a Igreja da Misericórdia – mas foram sendo feitas obras e actualmente a igreja está muito bonita e foi classificada, em 1910, Monumento Nacional.

Em 2002, ocorreu a última intervenção: num esforço conjunto da Câmara Municipal de San-

tiago do Cacém e da Diocese de Beja, foi criado o núcleo museológico do Tesouro da Colegiada onde pode ver o relicário do Santo Lenho – uma obra notável que também pertencia a D. Vetaça Lezcaris – e um espólio riquíssimo destinado a servir sobretudo cerimónias litúrgicas.

Agora sente-se, descanse e aprecie as peças expostas na Igreja Matriz.

E já sabe: quando for a Santiago do Cacém não perca a oportunidade de visitar a Igreja Matriz. Valeu a pena, não valeu? ■

Em cima à direita: “A Última Ceia”, na Capela do Santíssimo Sacramento; São Tiago está lá atrás, em lugar de destaque, mesmo ao lado de Cristo.

Em Baixo à esquerda: A “jóia da coroa”: o alto-relevo representando Santiago Mata-Mouros, provavelmente de autoria de Telo Garcia, que também pertenceu a D. Vetaça e considerado uma das principais obras do gótico português.

Em Baixo no centro: Figuras no arranque do arco ogival - Tangedor.

Em Baixo à direita: A obra mais recente: a escultura em betão e renda da autoria de Joana Vasconcelos. Representa um peregrino a Santiago. Repare no pormenor das vieiras a cobrirem-lhe os pés... É uma obra fabulosa, não é?



ESTANTE

GUIAS:

Para quem quer fazer o Caminho de Santiago em Portugal, aconselha-se:

- *A Caminho de Santiago – Roteiro do peregrino*, do Conde de Almada (Lello Editores, Porto, 2000). Dá informação preciosa e com rigor.
- O livro de Felipe-Senén López Gomes, *Roteiros de Compostela – Galicia-Portugal* (Editora Equinoccio, Corunha, 1993) é também um bom guia, especialmente para quem quer saber mais sobre a Galiza.

Para fazer o Caminho Português de Santiago, na Galiza, a brochura editada pela Xunta de Galicia é suficiente; para além dos conselhos práticos – moradas e telefones dos albergues e de outros serviços – aconselha sobre o que ver ao longo do Caminho.

Numa primeira procura de bibliografia sobre o Caminho de Santiago, restringindo-nos à nossa língua, o resultado obtido é decepcionante. Na Internet há muita coisa sobre o Caminho (cuidado que também há muita “asneira”), mas livros – é tão “bom” o cheiro e o “sentir” de um livro... – quase não aparecem. Depois, com persistência, acaba-se por descobrir alguns.

Numa escolha pessoal e sem qualquer critério específico, sugere-se:

REVISTAS:

Claro que, em castelhano, sobre o tema, há resmas e resmas de livros...

A nossa sugestão vai para um registo diferente: revistas. Três publicações interessantes:

- *Altair Especial 7*, já editada há alguns anos mas com muita informação;
- *Condé Nast Traveler – Año Xacobeo*, *todos los caminos llevan a Santiago de Compostela*, recente, mas já em 2.^a edição, uma perspectiva muito variada sobre o Caminho;
- *Camino De Santiago – Revista Peregrina*, uma publicação, tal como o nome indica, exclusiva do tema. Vale a pena assinar.



HISTÓRIA:

A produção científica portuguesa a propósito do Caminho de Santiago está quase que circunscrita às comunicações que os estudiosos vão fazendo em Congressos e Seminários.

É o que acontece com as *Actas do I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela* (Edições Távola Redonda, Lisboa, 1992).

Na Internet é possível encontrar alguns textos de referência.

Reafirmando tratar-se de uma escolha pessoal, aconselha-se:

- *A Assistência aos Peregrinos, no Norte de Portugal, na Idade Média e Os Santos dos Caminhos Portugueses*, ambos de José Marques;
- *Vias Portuguesas de Peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média*, por Humberto Baquero Moreno.

Sobre as peregrinações actuais, nomeadamente a peregrinação a pé a Fátima, o texto de Pedro Pereira *Peregrinações pouco católicas: o locus religioso das peregrinações a pé a Fátima* merece uma leitura cuidada.

CINEMA:

O CINEMA TAMBÉM TEM ANDADO PELO CAMINHO DE SANTIAGO. A MAIS RECENTE INCURSAÇÃO (*THE WAY*, 2009) É DO REALIZADOR EMILIO ESTÉVEZ, FILHO DO PROTAGONISTA MARTIN SHEEN, RAMÓN GERARDO ANTONIO ESTÉVEZ DE SEU VERDADEIRO NOME E NETO DE UM EMIGRANTE GALEGO.

OUTRO FILME RECENTE SOBRE O CAMINHO É *AL FINAL DEL CAMINO* (2009) DO ESPANHOL ROBERTO SANTIAGO; SEGUNDO A CRÍTICA É UMA COMÉDIA FRAQUINHA...

LUÍS BUÑUEL, EM *A VIA LÁCTEA*, TAMBÉM DÁ A SUA VISÃO DO CAMINHO. À SEMELHANÇA DE OUTROS FILMES SEUS, A TRAMA É COMPLEXA E, POR VEZES, DESCONCERTANTE.

TESTEMUNHOS:

Paulo Coelho encabeça, obviamente, esta área. *Diário de um Mago*, publicado em 1987, é um *blockbuster*. Mas outros autores brasileiros têm explorado o filão. Registos intimistas, em busca da paz interior, da espiritualidade, são garante de sucesso!

- Celina Fioravanti, *Santiago pela Via Lunar*, que escreve especificamente sobre o Caminho Português e Vanessa Omena, *O Caminho Se Faz Caminhando* (Pergaminho, 2000), são dois exemplos disso.
- Shirley Maclaine, a actriz norte-americana, também testemunhou a sua experiência em *El Camino – uma Viagem do Espírito* (Sinais do Tempo, Cascais, 2001).
- *O (Des)caminho para Santiago* é de outro tipo; é acima de tudo um maravilhoso livro de viagens escrito pelo holandês Cees Nooteboom (Edições ASA, Porto, 2003).



À CONVERSA COM FREI BENTO DOMINGUES

QUANDO SE DECIDIU QUE NESTA ITINERANTE A *ENTREVISTA COM...* DE VIA ABORDAR A VISÃO TEOLÓGICA DO QUE É PEREGRINAR, PENSEI, DE IMEDIATO EM FREI BENTO DOMINGUES. HOMEM DE CULTURA É, ACTUALMENTE, UMA DAS VOZES MAIS RESPEITADAS E ESCUTADAS QUANDO O TEMA É A IGREJA CATÓLICA PORTUGUESA. PARA ISSO CONTRIBUI TAMBÉM A CRÓNICA QUE, DESDE 1992, AOS DOMINGOS, ASSINA NO PÚBLICO, ONDE REFLECTE SOBRE O FENÓMENO RELIGIOSO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO. FOI DIFÍCIL CONCILIARMOS AGENDAS MAS VALEU A PENA...

Frei Bento Domingues, o.p., nasceu em Travassos, Vilar – Terras de Bouro, em 1934. Entrou para o Noviciado na Ordem dos Pregadores (Dominicanos) em 1953. Estudou Filosofia e Teologia e desde 1965 que se dedica ao ensino e à investigação teológica.

Um dos fenómenos religiosos que tem marcado as últimas décadas é o recrudescimento das peregrinações. Em Santiago de Compostela, por exemplo, em 1974, foram passadas 2.500 Compostelas – prova de que foi feita uma parte significativa do Caminho – e, para este ano, há quem diga que vai chegar às 300.000! E em Fátima, ano após ano, o número de peregrinos também não pára de aumentar. O que é ser peregrino, nos dias de hoje?

Peregrino, no verdadeiro sentido da palavra, é aquele que não pode parar. Gabriel Marcel em o *Homo Viator* fala no ser humano como o ser em viagem. Nós estamos sempre inacabados, sempre por acabar, na procura de sermos melhores... É esta procura a razão de ser da vida humana.

Claro que há muitas formas e interpretações da viagem humana. Fernando Pessoa, ou melhor, Bernardo Soares no *Livro do Desassossego*, tem uma frase muito significativa. Ele diz que cada um de nós está... [*abre o livro e lê*] “entregue a si próprio, na desolação de se sentir viver. Um barco parece ser um objecto cujo fim é navegar; mas o seu fim não é navegar, senão chegar a um porto. Nós encontramos-nos navegando, sem a ideia do porto a que nos deveríamos acolher. Reproduzimos assim, na espécie dolorosa, a fórmula aventureira dos argonautas: navegar é preciso, viver não é preciso.” [*fecha o livro*]. É isto: há muitas formas de peregrinação, mas o objectivo é universal: tem que ver com esse estado inacabado e a busca por um ser humano melhor...

O Papa Bento XVI, na altura Cardeal Ratzinger, tem uma frase muito curiosa. Ele diz que “somos nómadas e peregrinos”.

É isso mesmo. É a expressão perfeita de tudo isto. E repare que as peregrinações, tal como nós, estão marcadas pelo espaço e pelo tempo. As peregrinações, na sua esmagadora maioria, têm datas certas para se realizarem e estão ligadas a um local. Peregrinar é ir a um lugar considerado sagrado, um lugar de acolhimento, onde o divino, o transcendente, o sagrado nos acolhe. É isto acontece com todas as religiões... Uns vão para a Índia; os muçulmanos têm a viagem a Meca; os judeus gostam de ir encostar a cabeça ao muro do antigo templo, em Jerusalém; os cristãos, também peregrinavam e peregrinam à Terra Santa... assim como a Roma e a Santiago.

Mas há uma diferença... enquanto, por exemplo, entre os budistas e os muçulmanos há a obrigação de peregrinar até aos seus lugares santos, no cristianismo isso não acontece. No Evangelho de S. João, Jesus, quando está a falar com a samaritana, até lhe diz que Deus não deve ser adorado mais num local do que noutra, que deve ser adorado em espírito e verdade.

É verdade... nesse aspecto, o cristianismo é diferente das outras religiões. Elas sabem onde estão as relíquias dos seus fundadores, nós não. Não há uma única relíquia de Cristo. As pessoas andam à busca do sudário, do santo lenho, mas nunca haverá certezas. Não há uma relíquia de Jesus, porque a promessa cristã é de que Deus está entre nós e nós estamos com Ele, mas só visível através da fé. O cristianismo não são as coisas nem os lugares... Nós é que somos a morada de Deus e o Sagrado... Sagrado é o ser humano. A grande viagem é quando vamos ao encontro do outro, de quem precisa. E isto remete para um ponto nevrálgico das peregrinações: corre-se o risco de caírem na idolatria: “aquele é que é o lugar santo”, “aquela é que é a reza santa”, “aquele é que é o percurso santo” e isso não pode acontecer. Por isso, Jesus, quando está a falar com a samaritana, critica os que têm um lugar de adoração. Ele diz-lhe qualquer coisa como: “Chegou o tempo em que não é nem em Jerusalém nem em Garizim, mas os verdadeiros adoradores são espírito e verdade.” **Isso não invalida que haja locais de peregrinação...**

Claro que há peregrinações. Não há é peregrinações relacionadas com Deus. E não há qualquer obrigação. Mas os cristãos sempre peregrinaram. Vão a Jerusalém visitar os lugares por onde Jesus andou, sempre peregrinaram a Roma, os célebres romeiros, para visitarem o local onde estavam os sepulcros de Pedro e Paulo e sempre peregrinaram a Santiago de Compostela para visitarem o sepulcro do apóstolo Santiago. Depois, nos finais do século XIX, as romagens aos lugares marianos começaram a ganhar importância. Em Portugal, há muitas romarias associadas a Maria. Fátima é a maior de todas, claro, mas, por exemplo, no Alto Minho havia imensas peregrinações, que as pessoas faziam, sempre ligadas a uma promessa. Não era só ir a um lugar sagrado. Era ir a um lugar sagrado no cumprimento de uma promessa.

Essa é a principal razão que leva as pessoas a peregrinar, o cumprimento de promessas?

Não podemos absolutizar. O fenómeno religioso tem muitas expressões... Há quem vá para cumprir uma promessa mas, para outros, partir em peregrinação corresponde a uma necessidade de despojamento, fizeram tantas asneiras que está na altura de ir a um lugar sagrado para se regenerarem. O que me parece, agora já em termos teológicos, é que a peregrinação só tem sentido e valor se garantir transfiguração, uma transformação da vida, encontrar um rumo. Do ponto de vista cristão a grande viagem tem que ver com a conversão. O mudar de horizonte, o mudar de vida é uma forma de reagir às coisas, o que é verdadeiramente autêntico nas peregrinações. A consciência de que não somos uns santos, a consciência de que precisamos de mudar e depois, cada um segundo

o quadro cultural, o mundo em que vive, o quadro religioso, escolhe essas modalidades, mas sempre na perspectiva de mudar. Há uma coisa que é fatal para a vida: a rotina. E não basta mudar de lugar. A grande viagem acontece nessa peregrinação interior.

Há quem fale em caminhoterapia... Alguns países, nomeadamente a Bélgica e a Alemanha, estão a utilizar o Caminho de Santiago para recuperar jovens condenados por pequenos delitos. Há uma associação espanhola, a Associação San Guillermo de Arnotegui, que propõe exactamente isso: substituir as pequenas penas pela peregrinação a Santiago.

Há várias experiências nesse campo. Não há dúvida que ir em peregrinação é terapia. É um tempo que damos a nós mesmos. É um tempo em que acreditamos, porque também é preciso acreditar. O sagrado está no termo mas também está no decurso da viagem.

O interessante é também repararmos como ao longo dos séculos, e isto tem que ver com o que eu dizia no princípio da nossa conversa – nada é acabado –, as peregrinações têm vindo a adquirir configurações diferentes, tanto no quadro cultural como religioso.

Fátima é exemplo disso. Tem menos de cem anos e já passou por diversas configurações...

É indiscutível: Mas para além de tudo o mais, Fátima modificou o catolicismo português. Eu quase diria que o catolicismo português se transformou em Fátima. Do ponto de vista estratégico Fátima não podia estar melhor localizada. Está no centro do país, quase a igual distância do norte e do sul. Unificou. Muitos queixam-se que Fátima quase acabou com outros lugares de peregrinação. É um facto; a grande maioria perdeu a sua importância; tornaram-se em santuários locais. Por outro lado, há a forte ligação de Fátima ao Vaticano. Desde Pio XII, que não veio a Fátima, mas que afirmava ter-lhe aparecido qualquer coisa, nos jardins do Vaticano, ficou sempre uma ligação. E os papas têm vindo a Fátima... Havia uma expressão, que dizia “Não se sabe se Fátima se transferiu para o Vaticano, ou se foi o Vaticano para Fátima”.

Fátima também se intensificou muito com as promessas, sobretudo durante a guerra. Os soldados, as famílias, antes de partirem iam a Fátima e quando voltavam iam agradecer terem regressado vivos. Eu acho até que Fátima é o tal cais de Portugal que o Bernardo Soares falava. A intensidade que se vive na Procissão das Velas... as pessoas ali, naquele mar de luz...

É um momento com grande carga emocional.

Absolutamente arrepiante. Há mesmo o sentido do sagrado. Outro momento extraordinário é a Procissão do Adeus. As pessoas a despedirem-se. São momentos que têm muito que ver connosco, portugueses. Nós somos um país de viajantes.

CAMINHOS DE SANTIAGO, CAMINHOS DO MUNDO



por JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO

Segundo a tradição, quando o dia de Santiago Maior (25 de Julho) cai num domingo, este passa a ser Ano Santo Jacobeu, assinalado por particulares bênçãos e privilégios espirituais para os peregrinos. É o caso de 2010, um ano marcado, na Galiza e fora dela, pelo intenso programa religioso e cultural que se destina a tornar patente o fenómeno – cada vez mais popular – da peregrinação a Santiago de Compostela. Só na capital galega esperam-se mais de oito milhões de visitantes, incluindo 200 000 “peregrinos oficiais”.

A ocasião mostra-se propícia para a redescoberta de diversos segmentos do *Caminho de Santiago*, outrora famosos, que caíram quase no esquecimento e começam a voltar, de modo paulatino, à luz do dia. Algo deveras significativo, tanto mais que o próximo Jubileu Compostelano só ocorrerá em 2021. Onze anos são muito tempo e podem fazer toda a diferença para que os itinerários menos divulgados se dêem a conhecer em termos internacionais, nomeadamente junto da UNESCO, do Conselho da Europa e dos organismos do Reino de Espanha e da Comunidade Autónoma da Galiza a quem compete o seu reconhecimento.

Um desses percursos, o Caminho Português, não se limitou, ao contrário do que muitos pensam, apenas às zonas do nosso país mais próximas da Galiza. Pelo contrário, sulcou integralmente o território nacional, tendo alcançado grande expressão também no Alentejo. O seu progressivo abandono a partir do século XVII, após a recuperação da independência portuguesa, votou-o a uma certa obscuridade, sendo considerado como um factor de aproximação à Espanha da



qual tão dificilmente o nosso país se tinha separado. Isto tornou ainda mais acentuado o isolamento em relação à Europa.

Mesmo assim, os peregrinos vindos de Portugal continuaram a acorrer a Santiago de Compostela. O golpe de misericórdia neste fluxo peregrinatório, quanto à região transtagana, só ocorreu durante o período das guerras napoleónicas, etapa de profundas convulsões em que se tornou demasiado perigosa a circulação dos peregrinos, frequentemente confundidos com espiões. Hoje, porém, quando os itinerários para Santiago de Compostela estão a ser descobertos de novo por toda a Europa, assiste-se à revitalização do Caminho no Sul. O número de peregrinos é ainda modesto, mas vai em crescendo.

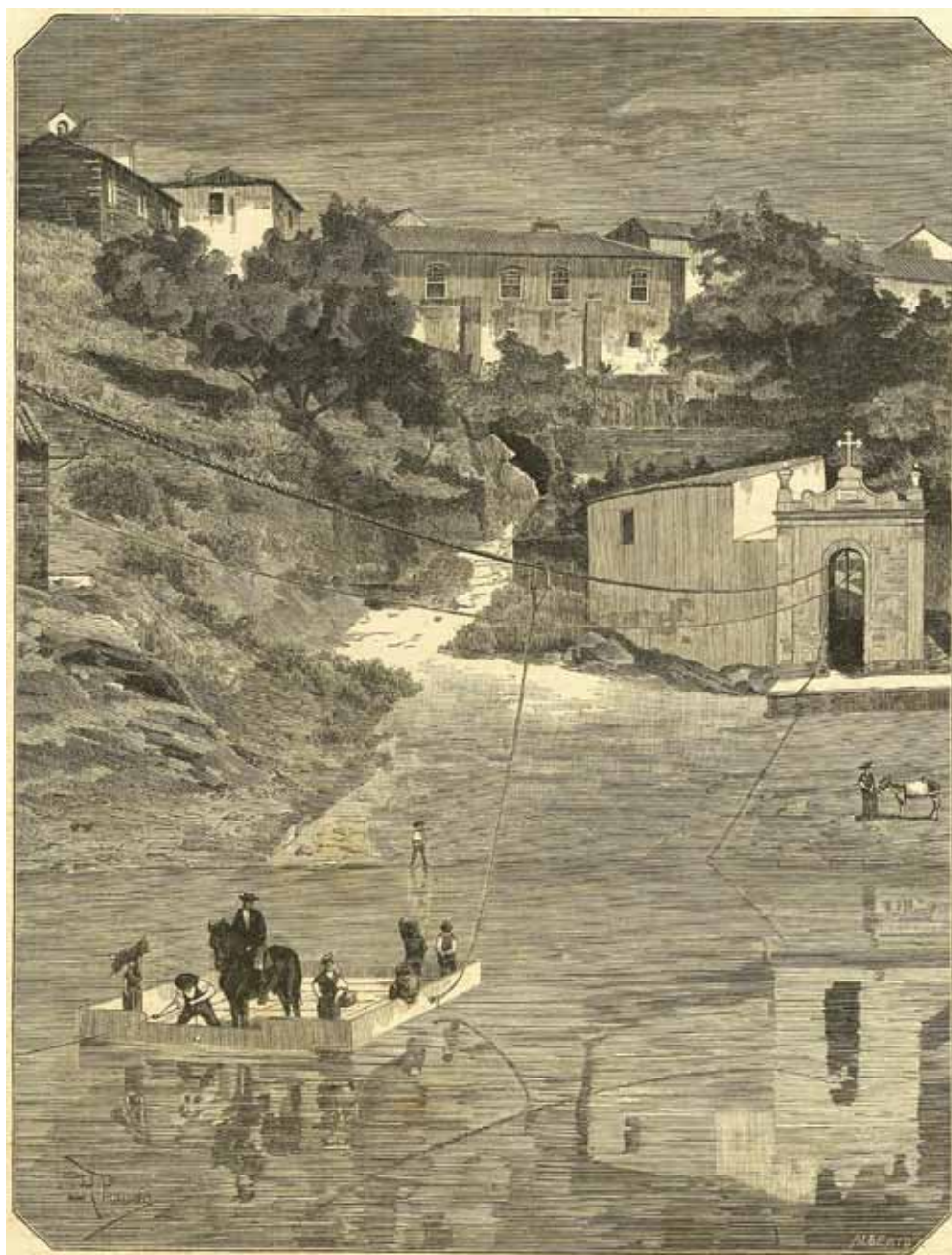
Eis um domínio no qual não se pode improvisar nem actuar isoladamente, fomentando percursos um pouco ao sabor das circunstâncias, concelho a concelho ou mesmo freguesia a freguesia. Organização em rede – eis a chave do sucesso. Com efeito, torna-se necessário um esforço concertado, ao nível regional, nacional e internacional, para determinar as vias mais praticáveis e conseguir a sua homologação pelas entidades oficiais, tanto religiosas como civis, para criar albergues e pontos de apoio (uma das grandes lacunas com que se deparam os peregrinos) e para recuperar e tornar acessíveis os monumentos e outros valores culturais e naturais associados ao Caminho.

No Baixo Alentejo, a recuperação dos antigos itinerários de peregrinação está a ser promovida pelo Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja em colaboração com diversos municípios, entre os quais se destaca, por motivos históricos compreensíveis, o de Santiago do Cacém.

À direita: A antiga barca de passagem do rio Mira, em Odemira. Desenho de Henrique Pousão, gravado por Caetano Alberto (Occidente, LXXV, 1 de Setembro de 1880).

À esquerda em cima: Igreja Matriz de Castro Verde/Basilíca Real.

À esquerda em baixo: Santiago Maior, séc. XV. Igreja de Santiago, Alcácer do Sal.



As paróquias, as Santas Casas da Misericórdia, as associações de desenvolvimento regional, os grupos de defesa do património, os núcleos empresariais e as comissões de moradores mostram-se sensíveis a este esforço colectivo. Existe agora um imenso percurso a fazer até se conseguir que o Caminho possa voltar em pleno à luz do dia.

Potenciar o património comum

O território correspondente à Diocese de Beja, a segunda mais extensa de Portugal, com cerca de 12 300 km² – praticamente um sétimo do território nacional –, oferece um notável exemplo de como as vias de peregrinação a Santiago de Compostela foram redescobertas nos últimos anos pelos investigadores e pelos peregrinos. Ao longo deste vasto espaço distribuem-se alguns dos principais itinerários do Caminho no Sudoeste Peninsular. O primeiro a ser localizado pela equipa do Departamento do Património Histórico e Artístico segue fundamentalmente a par da costa, recebendo, por isso, a designação convencional de “Atlântico”. Vale a pena lembrar as circunstâncias que conduziram tão singular processo.

Nos inícios da década de 1990, a igreja matriz de Santiago do Cacém chegou a uma situação de profundo abandono. Embora

classificada como Monumento Nacional e propriedade do Estado, o facto de estar um pouco distante do centro da povoação condenara-a a um uso menos do que esporádico, principiando a cair em ruína, perante o desinteresse dos responsáveis. Isto levou à constituição de uma Comissão de Salvaguarda que obteve o envolvimento da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Ministério das Obras Públicas) para a salvar da ruína. Quando o vasto imóvel recobrou o antigo esplendor, a Câmara Municipal apoiou a sua abertura regular.

Foi então que começaram a surgir, de novo, os peregrinos a Santiago do Cacém, para estupefacção dos responsáveis religiosos que, de início, não os acolheram com muito agrado, chegando em certos casos a negar-

-lhes a “compostela”, o testemunho de passagem, um direito que assiste a todos os que peregrinam. Perante as queixas entretanto recebidas, o bispo de Beja entregou a análise do assunto à equipa do Património da Diocese, a qual criou localmente, dentro dos parcos meios disponíveis, uma pequena estrutura de apoio e informação. Com o incremento da passagem dos peregrinos, veio a consciência de que se estava perante o

regresso de um fenómeno plurissecular e, em virtude disso, a necessidade de investigações profundas.

Os diversos estudos realizados a partir de 1993 puseram a descoberto um segmento do Caminho, vindo do antigo “Promontorium Sacrum”, o Cabo de São Vicente, que entrava no Alentejo em Odeceixe, continuava por Odemira e Cercal e tinha uma referência primordial em Santiago do Cacém. Nos pontos de passagem dos rios Seixe e Mira existiam barcas, instituídas por legados pios, em que se exigia apenas um pagamento simbólico aos viandantes, a recitação de um Padre-Nosso e de uma Avé-Maria. A presença de santuários “secundários” constituía um incentivo para os peregrinos.

Em Odemira era famosa, pelos milagres

O Alentejo no coração da Europa

Depois de séculos de esquecimento, o Caminho de Santiago está aí, como sempre esteve, sob os nossos pés. Foi necessário, porém, que os peregrinos regressassem para que esta verdade se impusesse no quotidiano do Alentejo. Hoje, ela constitui um sinal de esperança para todos aqueles que acreditam que a Europa não representa só o modelo predestinado de governança económica, imposto a partir de cima pelo “diktat” das potências do “eixo central”.

O fio condutor que preside à arquitectura política e social do velho continente não é, não pode ser apenas o euro, a uniformização, a burocracia infundável, a tirania estatística, a linha de subsídios que

separam os países ricos e os países pobres. Maldita, doentia, pobre Europa esta que nos venderam a troco da nossa agricultura, das nossas tradições rurais, da nossa alma. Quanto poderá ela durar? Quanto custará ela a gregos e a troianos?

Porém, existe uma outra Europa eterna, muito mais profunda e diversificada, de que somos parte integrante. É um continente feito de utopias, de transcendências, de diálogo de culturas. A Europa das regiões, torre de Babel acolhedora em que o mito e a realidade se fundem, nutrindo-se mutuamente e construindo os alicerces da vida colectiva. O Caminho de Santiago oferece uma das suas expressões mais belas, simbolizando a lídima unidade europeia que muitos, apesar de cépticos face aos resultados palpáveis do modelo de “Eurolândia” em curso, acalentam com vigor.



Igreja Matriz de Santa Cruz

À direita: Sepultura de peregrino, no Monte da Chaminé (Ferreira do Alentejo).

Página ao lado: Santiago Peregrino. Igreja Matriz de Alvito.



que operava, a imagem de Santa Maria, venerada numa igreja da várzea do Mira, a pouca distância da barca. Uma *Cantiga de Santa Maria*, de Afonso X, dá conta dessa realidade, deixando entender a sua transmissão, de boca em boca, pelos peregrinos. A igreja matriz de Santiago do Cacém, referência do Caminho, tornou-se célebre pelas relíquias do Santo Lenho que a princesa bizantina D. Vataça Lescaris, neta do imperador de Niceia, nela depositou em inícios do século XIV. Devota do apóstolo, esta nobre senhora contribuiu para incrementar o seu culto, fazendo reedificar a matriz e dotando-a, além dos preciosos fragmentos da Cruz de Cristo e outras relíquias, de alfaias preciosas. Deve-se-lhe também, provavelmente, a erecção do hospital do Espírito Santo, destinado ao acolhimento dos pobres viandantes.

A igreja de Cacém constituiu, em várias épocas, um centro difusor do culto de Santiago, existindo variados testemunhos históricos e artísticos que apontam nesse sentido. Se a devoção ao “Mata-Mouros” se encontra patente no alto-relevo encomendado c. 1330 a Telo Garcia, obra-prima da arte do tempo de D. Dinis, nos trabalhos de valorização do monumento que tiveram lugar em 2007 identificámos, lavrada num arco da nave sul, a efigie do apóstolo como peregrino. O facto de estar situado justamente no alinhamento da antiga capela do Santo Lenho, onde os transeuntes vinham venerar as relíquias da Vera Cruz, não deixa de ser expressivo.

Este percurso litoral continuava por Grândola e, uma vez transposto o rio Sado, tinha uma referência importante em Alcácer do Sal, onde os peregrinos visitavam os santuários de Santa Maria dos Mártires e de Santa Maria do Castelo, ambos de grande devoção popular. Na época moderna ergueu-se uma igreja paroquial dedicada a Santiago, que conserva uma imagem tardo-gótica do apóstolo (finais do século XV).

As vias do interior

Quem vinha do Algarve central servia-se amiúde da velha estrada que passava por Santa Cruz, famoso santuário “secundário”, seguia por Almodôvar e tinha outros pousos bem conhecidos em Castro Verde e Entradas. Esta vila, dedicada a Santiago Maior, é o único ponto do Alentejo onde o culto ao apóstolo guarda a sua dimensão popular, contrariando as teses da historiografia oficial, que defendem que tal veneração, em terras do Sul, teve um carácter institucional, pouco interes-

sante para as comunidades locais. Quase um mito historiográfico, pouco a pouco desmentido pelas observações de antropólogos e historiadores.

Entre as vias que ligam a Andaluzia à Galiza merece destaque a que entra por Serpa, passa por Beja e, ao inflectir para o Norte, em direcção a Évora e depois a Santarém, tem uma referência primordial em Alvito, outrora ponto de paragem obrigatória para os viandantes. Tratava-se da hipótese mais plausível para quem, proveniente da região de Sevilha, demandava Santiago de Compostela, evitando a passagem pela acidentada geografia da meseta, a que acrescia a actividade de quadrilhas de bandidos. Por esta “rota oriental”, parte integrante do Caminho Português, passaram figuras de renome, como o médico e humanista Hyeronimus Münzer, cidadão de Nuremberga, enviado do imperador Maximiliano ao rei D. João II em 1494.

Elevada a vila em 1280, Alvito ocupou posição de relevo na fértil zona entre Beja e Évora, sobressaindo pelos seus monumentos e obras de arte. O acolhimento dos peregrinos efectuava-se no hospital do Espírito Santo, fundação de D. Estêvão Anes [† 1279], chanceler-mor de D. Afonso III. Em meados de Quinhentos, esta instituição ficou associada, por decisão régia, à Confraria da Santa Casa da Misericórdia, adoptando mais tarde o título de Nossa Senhora das Can-deias. Outra jóia da arquitectura regional, a igreja matriz, sob a invocação de Santa Maria (depois Nossa Senhora da Assunção), foi reconstruída na transição do século XV para o XVI. Uma pintura mural “a secco”, de finais



de Quatrocentos, representa Santiago, ladeado por São Sebastião e Santo André, com a túnica e o livro dos discípulos de Cristo e a capa, o bordão e o chapéu dos peregrinos, evocando significativamente a devoção ao apóstolo.

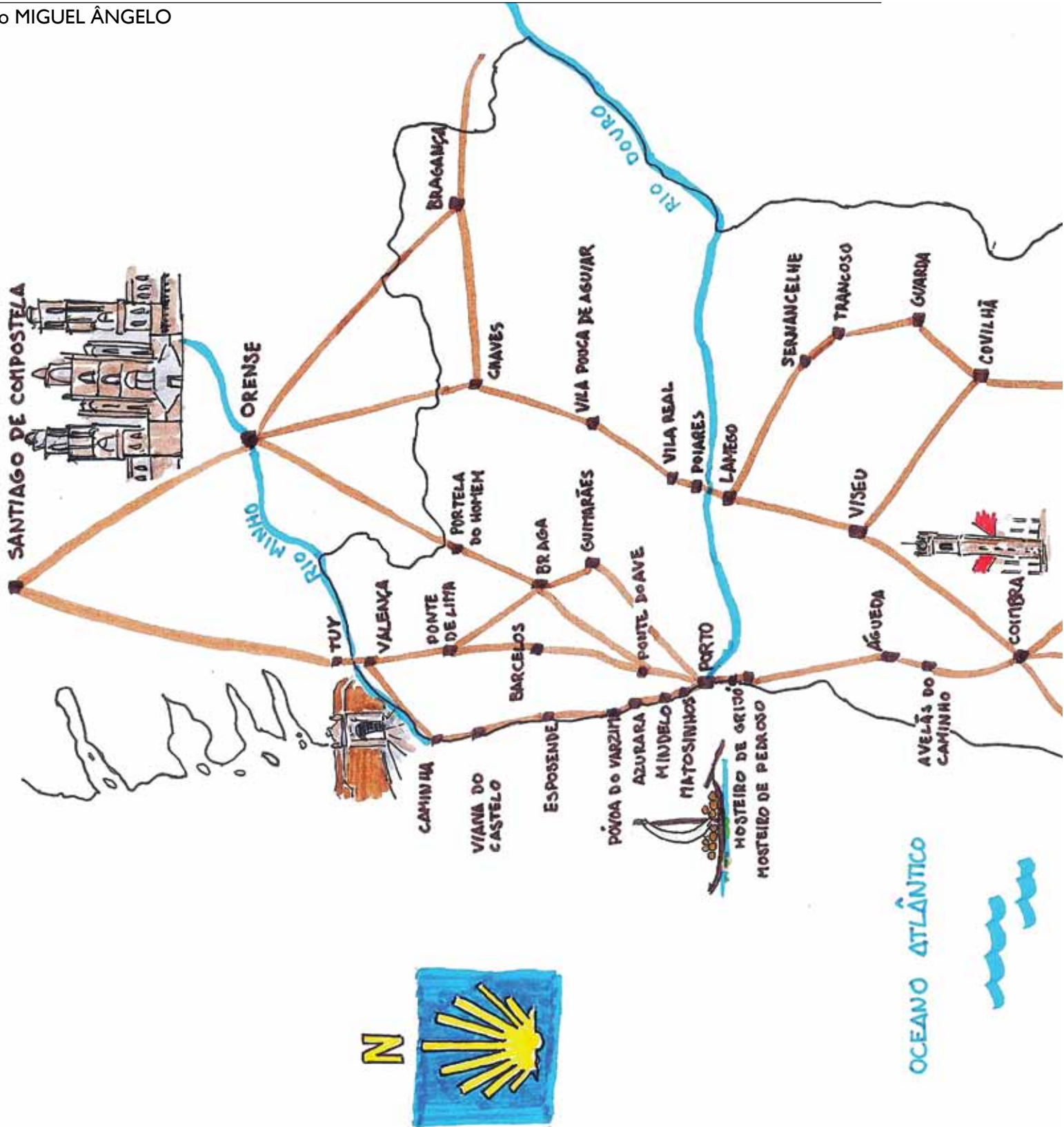
Beja foi, à semelhança de Serpa, local caro aos peregrinos vindos do Sul ou do Sudeste. Vila-cidade régia, possui desde a “Reconquista” uma igreja consagrada a Santiago. A sua colegiada, de clérigos do hábito de São Pedro, favorecida, em várias épocas, pelos bispos-arcebispos de Évora, acumulou pingues rendas, o que ajudou a enraizar o culto do orago. Para o acolhimento de quem viajava existiu, na época medieval, um *espital dos pallmeiros*. Quando o infante D. Fernando, 1.º duque de Beja, fundou em 1469 o hospital da Trindade, determinou-se que esta e outras instituições de modesta envergadura nele ficassem integradas. O seu filho D. Manuel, 2.º duque e futuro rei, retomou a obra em 1490, imprimindo-lhe uma monumentalidade principesca e consagrando-a a Nossa Senhora da Piedade, com o título de *hospital grande*. Aí se organizou, em obediência à moderna orientação assistencial, característica do Renascimento, uma hospedaria separada das enfermarias e destinada aos viandantes pobres.

Houve, decerto, mais itinerários do Caminho na nossa região, cruzando territórios onde ainda não foi possível estabelecer-se uma cartografia rigorosa. Mas o processo de recuperação deste extraordinário património colectivo está a avançar com passos seguros. Prova-o, de maneira auspiciosa, a recente descoberta, no Monte da Chaminé, junto a Ferreira do Alentejo, da sepultura de um peregrino. Também em Moura, outra terra grata a quem empreendia o longo trajecto para a Galiza, se torna plausível associar a um topónimo enigmático, a Rua da Romeira, à presença de peregrinos no contíguo Hospital do Espírito, à semelhança do que aconteceu com as Romeirinhas, em Santiago do Cacém, e a Peregrina, em Alcácer do Sal. Princípios finalmente a trilhar, no campo da investigação científica, um caminho seguro, ainda que cheio de escolhos. ■

José António Falcão é Licenciado em História da Arte e Arquitectura, Mestre em Museologia e Doutor em Arquitectura. Actualmente é o Director do Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja. (É o Consultor Científico do “Conhecer” deste número da Itinerante).

OS CAMINHOS PORTUGUESES PARA SANTIAGO DE COMPOSTELA

desenho MIGUEL ÂNGELO





Fonte:
 A norte do rio Tejo: Humberto Baquero Moreno, *Vias Portuguesas de Peregrinação a Santiago de Compostela na Ilha Média* in Revista da Faculdade de Letras, Porto, 1986
 A sul do rio Tejo: Itinerante, com base em artigos de José António Falcão.

ALENTEJO COMO PONTO DE PARTIDA RUMO A SANTIAGO DE COMPOSTELA

por FREDERICO GONÇALVES



Nos últimos anos o crescente interesse pelo Caminho de Santiago tem levado à redescoberta de segmentos do Caminho, outrora famosos e que estavam esquecidos. A região do Alentejo é exemplo disso.

Contrariamente ao que muitos pensam, o Caminho Português não estava limitado às zonas mais próximas da Galiza; ele atravessava todo o território nacional, com grande expressão também no Alentejo. Foi a partir do século XVII que se assistiu ao seu progressivo abandono nesta região mas hoje, a exemplo do que acontece em outras zonas da Europa, assiste-se à revitalização do Caminho no Sul. Ainda não são muitos os peregrinos que atravessam a planície alentejana a caminho de Santiago mas já há quem visite as igrejas a pedir carimbo na “Compostela”.

E se o objectivo é promover o Caminho, é fundamental um esforço concertado, a nível nacional e internacional, para determinar as vias mais praticáveis e obter a sua homologação pelas entidades religiosas e civis. Só depois será possível angariar verbas para criar uma rede de albergues e pontos de apoio – uma das grandes lacunas com que os peregrinos se deparam – e recuperar e tornar acessíveis os monumentos e outros valores culturais e naturais associados ao Caminho.

No Baixo Alentejo, a recuperação dos antigos itinerários de peregrinação tem vindo a ser promovida pelo Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja. Esta iniciativa, levada a cabo em parceria com os municípios e outras entidades da região, obteve já o reconhecimento da União

Europeia, sendo um dos eixos de “Loci Iacobi – Lugares de Santiago, Lieux de Saint Jacques”, projecto-piloto que envolve, para além da Diocese de Beja, a Junta da Galiza, com papel decisivo na gestão do Caminho e a localidade de Le Puy-en-Velay, cidade património mundial, ponto de partida da “Via Podiensis”, um dos percursos mais destacados em solo francês.

A redescoberta de pontos-chaves do Caminho, a interpretação do património cultural e natural a ele associado e a qualificação do acolhimento dos peregrinos são algumas das prioridades deste projecto-piloto, assente na

abordagem transversal dos fenómenos históricos, religiosos e turísticos.

Num seminário realizado recentemente no Alvito, para a divulgação do Loci Iacobi, Cármen Pardo, secretária geral para o Turismo da Junta da Galiza foi incisiva na apresentação que fez: “O projecto Loci Iacobi é a solução para que o Caminho de Santiago, em regiões como o Alentejo, não caia no esquecimento e volte a ser uma realidade. O Caminho faz parte da cultura e da identidade europeia.” ■

EM [HTTP://LOCIACOBI.EU/](http://lociacobi.eu/) PODERÁ SABER MAIS SOBRE ESTE PROJECTO.



From Alentejo towards Santiago

The growing interest for Saint James Way in recent years has led to the rediscovery of parts of the Way which were forgotten though formerly very popular. Alentejo is such an example. There are not yet many pilgrims crossing the plain of Alentejo on their way to Santiago but there are already some of them visiting churches and asking for stamps on the “Compostela”.

The recovery of ancient pilgrimage itineraries in Baixo Alentejo has been promoted by the Department of Historical and Artistic Heritage of Beja Diocese. This initiative has already been acknowledged by the European Union and it is one of the center lines of “Loci Iacobi – Places of Santiago, Lieux de Saint Jacques”, a pioneer project involving Beja Diocese together with Galicia Government and Le Puy-en-Velay (France).

This pioneer project is based on a transverse approach to historical, religious and tourist phenomena. The rediscovery of key spots of the Way, the interpretation of both the cultural and natural heritage and the qualification of pilgrims’ reception are some of the project priorities.

PORTALEGRE E ELVAS NO CAMINHO DE SANTIAGO

por MARGARIDA GARCEZ VENTURA

O espaço, tal como o tempo, não são uniformes. Entre outras rupturas, existem espaços carregados de sacralidade. Desde sempre que assim foi: ao longo da história, em todos os lugares do mundo, estão assinalados esses locais como pontos de encontro entre o homem e o que o transcende, sendo este facto, portanto, uma constante do género humano. É também sempre os homens, numa dicotomia algo angustiante, assinalaram a periculosidade do sagrado ao seu poder curativo, regenerador e redentor. Tal poder estava, pois, particularmente presente em certos locais, quase sempre de difícil acesso: para lá chegar eram necessárias ousadia e esforço, superação dos próprios limites físicos e psicológicos.

Os leitores podem perguntar a que propósito vem esta conversa, se estamos a falar do Caminho de Santiago de Compostela neste ano jubilar de 2010 – dois mil e dez de cristianismo –, uns mil e setecentos de cristianização da península. É que, Santiago de Compostela, como Jerusalém, Roma e uma miríade de santuários novos ou renovados na mundividência cristã, apelam ao encontro privilegiado com Deus e os seus santos, convidando os crentes a realizarem, já aqui na terra, a experiência de cada um como *viator* e *peregrinus*. Também aqui os homens percorrem um caminho, simultaneamente físico e espiritual, no cumprimento de um voto que, sendo pessoal, envolve toda a comunidade na penitência e no desejo de conversão. Caminho ou rota em direcção a um objectivo, no qual cada pessoa se integra num propósito comum. O Caminho de Santiago, constituído por tantos caminhos, não é – recorremos ao latim e a Aires Nascimento – *via* (termo de conotação material marcado pelo trilho das rodas de um carro) mas sim *iter*, percurso que leva a uma meta.

Valorizemos, pois, esse caminho místico que, com diferentes formas e exigências, é hoje percorrido por cristãos e não cristãos. Desde o seu início que aí se encontravam gentes de todos os estamentos socioeconómicos, gentes com as mais variadas intenções (até de roubar e matar...) e de todas as nações da cristandade.

Todos transportavam a sua condição particular, que incluía também a vinculação a um determinado espaço político e religioso, mas que não era incompatível com a pertença a uma área identitária comum e mais vasta que era a *christianistas*, a cristandade. Nunca é demais insistir nessa diversidade, simultaneamente assumida e superada pela devoção a Santiago.

Não importa aqui distinguir entre o mito, que coloca o túmulo do apóstolo São Tiago nessa região da finisterra peninsular, e a verdade histórica. Importa somente constatar que Santiago é invocado como santo protector dos exércitos da reconquista cristã desde o tempo de Ramiro I (842-850) na lendária batalha de Clavijo, como relata a *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Beneficiando da unidade “europeia” conseguida por Carlos Magno e da conquista e pacificação do noroeste peninsular, as peregrinações ao túmulo do apóstolo teriam começado logo no século IX. A pouco e pouco gentes do

PORTALEGRE E ELVAS, NA IDADE MÉDIA, TAMBÉM FAZIAM PARTE DO CAMINHO DE SANTIAGO.

centro da Europa, do sul e sudoeste da actual França, da península Itálica e, evidentemente, de toda a península ibérica (aqui ao ritmo da reconquista) vão moldando o Caminho tal como hoje é possível conhecê-lo: uma verdadeira rede que une toda a Europa. Podemos dizer que, nos seus pressupostos e grandes itinerários, essa rede existe antes de 1120, data em que foi redigido o célebre guia do peregrino conhecido como *Liber Sancti Jacobi – Codex Calixtinus* (traduzido em 2009 para galego).

Os caminhos de Santiago em Portugal foram praticamente desconhecidos até aos tra-



Margarida Garcez Ventura
Docente na Faculdade de Letras de Lisboa (História Medieval).
Académica de Número da Academia Portuguesa da História.

balhos pioneiros de Mário Martins, nos meados do século passado. Seguiram-se os estudos de Joaquim Veríssimo Serrão, Humberto Baquero Moreno, José Marques, Manuel Cadafaz de Matos e tantos outros que permitem, agora, conhecer, não só os grandes itinerários, mas algumas rotas secundárias. Por isso é completamente inaceitável a escandalosa omissão do caminho português na obra editada em 1993 no âmbito das comemorações do ano jacobeu, sob a direcção de Paolo Caucci Von Saucken, *Santiago, la Europa del Peregrinaje*.

Igrejas e capelas pautavam as rotas jacobeanas; ao longo delas foram-se erguendo também hospitais para o cuidado dos peregrinos, fundados pela Ordem de Santiago, pelos Hospitalários, por bispos e cabidos diocesanos ou simplesmente por fiéis, individualmente ou em confrarias. Por isso a existência desses lugares, ou a memória deles, constitui fonte de informação para o historiador.

Referências ao Caminho em Portalegre e Elvas

Nas nossas andanças por trabalhos de maior fôlego, estudámos onze contratos de aforamento urbano em Portalegre e Elvas, celebrados em Janeiro, Fevereiro e Novembro de 1436. Esta documentação permitiu-nos aceder a referências de toponímia jacobea, e, deste modo, estabelecer duas pequenas rotas adjacentes às

AS REFERÊNCIAS DE TOPONÍMIA JACOBÉIA EXISTENTE EM CONTRATOS DE AFORAMENTO URBANO CONFIRMAM DUAS PEQUENAS ROTAS ADJACENTES ÀS GRANDES VIAS: PORTALEGRE-CRATO E ELVAS-ESTREMOZ.

grandes vias que atravessavam o Alentejo: a ligação entre Portalegre e o Crato, assim como a articulação entre Elvas e Estremoz.

São dez as cartas referentes a aforamentos de casas de propriedade régia em Portalegre, copiadas no fólho 200 do Livro I da Chancelaria de D. Duarte guardado no Arquivo Nacional da Torre de Tombo.

Tendo em conta que as casas aforadas eram “dianteiras”, isto é, com fachada para a rua, para a sua exacta localização o tabelião usou como referência a igreja de Santiago.

Dizem as cartas que as propriedades se situam na “rua de Santiago” ou, numa designação mais completa, na “rua do postigo de Santiago”, isto é, numa rua que irá desembocar no postigo da muralha fronteiro à igreja de Santiago: o templo sobre o qual foi erguido o actualmente existente, que é do século XVI.

O adro desta igreja é outro ponto de referência no tecido urbano. Podemos traçar, na planta de Portalegre, um “adro de Santiago” rodeado de casas com seu celeiro e, algumas, com cavalariças.

A igreja de Santiago, situada na zona oriental da vila e fora das muralhas, ficava no caminho que conduzia ao Crato.

Em Elvas, a documentação estudada (copiada no fólho 226 do Livro de Chancelaria atrás referido) refere o aforamento de um terreno, propriedade do concelho. O terreno, que, pelo preço, seria amplo, é aforado a um “físico” (médico) morador na vila, com o compromisso de aí construir uma casa. O local expressamente mencionado era a “praça da rota de Santiago”: uma praça situada no caminho que levava a Estremoz.

Portalegre e Elvas eram duas vilas periféricas, pois jamais a corte, então itinerante, tocou, sequer, as áreas próximas: locais periféricos num reino geograficamente periférico em relação aos demais reinos da cristandade. São também zonas de fronteira, especialmente instáveis num reino em que a paz era recente e nunca definitiva. Mesmo assim, puderam juntar-se à grande família das urbes jacobéias. ■

Nota: Sobre as rotas que atravessavam a região ao sul do Tejo vd. o artigo de José António Falcão



Confirmação de aforamento em Elvas, Santarém, 18 de Fevereiro de 1437. Chancelaria de D. Duarte, livro 1, folha 226. Imagem cedida pela ANTT | PT/TT/CHR/H/1/1

Portalegre and Elvas in Saint James way

In the Middle Ages Portalegre and Elvas were two small towns in northern Alentejo which were part of Saint James Way. The Jacobean toponymy references in eleven urban tenure contracts signed in January, February and November 1436 allow the identification of two small routes close to the large ways: the connection between Portalegre and Crato and between Elvas and Estremoz. There are ten charters referring to tenure of houses in Portalegre belonging to the Crown, and as these tenured houses were “front houses”, that is, they gave on to the street, the notary used Santiago church as a reference to their exact location.

The charters state that the houses are situated on “Santiago Street” or, more exactly, on “Santiago Peephole Street”, that is, a street leading to the peephole on the wall opposite Santiago Church, the temple on which the current church was erected in the 16th century.

The yard of this church is another point of reference in

the town. A “Santiago Yard” surrounded by houses with a barn and even stables can be drawn on Portalegre plan. Santiago Church was situated on the way to Crato on the eastern part of the town outside the walls.

All documents studied refer to the tenure of a land belonging to the municipality. Considering its price, this land must have been of considerable extent; it was granted to a physician living in town provided that he had a house built there. The express spot was the “square of Saint James Way”, a square on the road leading to Estremoz.

Portalegre and Elvas were two peripheral towns considering that the royal court, which was then itinerant, had ever stayed nearby – they were peripheral towns in a kingdom geographically peripheral to all the other Christian kingdoms. They are also frontier places in a kingdom where frontiers were particularly changeable and peace was recent and never definite. Even so, they were able to join the large family of Jacobean towns.

PROMONTORIUM SACRUM

SANTIAGO, MENIRES, DEUSES À SOLTA E SÃO VICENTE

por JOSÉ MARIA GAMA NUNES

O extremo sudoeste peninsular, promontório finisterra majestoso e solitário, foi desde tempos imemoriais palco de veneração religiosa e mística, guardando nos dias de hoje múltiplos vestígios desse rico historial.

Quando o corpo de S. Vicente deu à costa no actual cabo a que deu nome, guardado por dois corvos vigilantes e protectores, foi recolhido pelos cristãos locais e depositado num santuário que, já nessa altura, era alvo da devoção antiga: a Igreja do Corvo.

Localizada no próprio cabo ou, mais provavelmente, alguns quilómetros para o interior, esta igreja foi a meta de intensa peregrinação durante todo o período de domínio árabe, atraindo populações de todo o Sul da Península e corporizando no culto vicentino toda uma tradição milenar de sacralidade desta finisterra do Sul. Séculos mais tarde, a Igreja do Corvo tornou-se o ponto de partida para os peregrinos que, vindos do barlavento algarvio, iniciavam a caminhada em direcção a Santiago de Compostela.

Território juncado de menires, testemunhos actualmente tombados e fragmentados de cultos neolíticos, continuou a ser lugar sagrado para os romanos, que nele veneravam e celebravam os seus deuses e os dos locais, como era seu uso.

Estrabão (geógrafo grego do século I) relata a existência de pedras que eram roladas em oração, assim como a proibição de frequentar o local de noite: «*Não é permitido oferecer sacrificios nem aí pernoitar pois dizem que os deuses o ocupam àquelas horas. Os que o vão visitar pernoitam numa aldeia próxima, e depois, de dia, entram ali levando água, já que o lugar não o tem*», acrescentando ainda que, segundo tradições populares, neste local o Sol aumenta no Ocaso, pondo-se com ruído, como que a extinguir-se entre as águas do Oceano.

O promontório foi desde sempre lugar de peregrinação, tendo, em período de dominação islâmica, acolhido peregrinos cristãos e muçulmanos que lhe chamavam *Chakrach*, e se dirigiam principalmente à Igreja que albergava as relíquias do santo mártir: a Igreja do Corvo.

Promontorium Sacrum – Saint James, menhirs, gods let loose and saint vincent

The southwesternmost point in Portugal, a majestic and solitary promontory, has been since time immemorial a place of religious and mystical worship. Nowadays there are still traces of this rich history.

When the remains of Saint Vincent guarded by two ravens were brought ashore they were retrieved by local Christians and laid to rest in a sanctuary that was already an ancient place of worship: the Church of Corvo.

Located on the cape itself or more probably a few kilometres away, this church was the place of intense pilgrimage during the whole period of Islamic domination, attracting people from the whole South of the Peninsula and embodying in this cult a millenary tradition of sacrality.

A region where menhirs abound, fallen and fragmented witnesses of Neolithic cults, it went on being a sacred place to the Romans, who used to worship and celebrate both their gods and local gods alike.

Strabo (Greek geographer of the 1st century) writes about the existence of stones that were rolled during prayer as well as the interdiction to go to that place at night: «It is not allowed to offer sacrifices nor spend the night there because it is said that the gods gather here at that time. Those who visit it spend the night in a village nearby and the following day they will come in carrying water because there is none here». He adds that according to popular traditions, the sun at sunset was much larger than anywhere else and that it set noisily as if drowning in the water of the ocean.

The promontory has always been a pilgrimage destination. In the period of Islamic domination it sheltered both Christian and Muslim pilgrims, who called it *Chakrach* and visited mainly the church where the remains of the saint martyr had been laid to rest: the Church of Corvo.



A IGREJA DO CORVO

Descrição da Igreja do Corvo segundo al-Idrisi, geógrafo siciliano do século XII:

“De Silves a Halq az-Zawiya (Lagos?) porto e aldeia, são vinte milhas. Daí a Sagres, aldeia à beira-mar, são dezoito milhas. Daí ao Cabo de Algarve (Cabo de S. Vicente), que avança pelo Oceano, são dezoito milhas. Daí à Igreja do Corvo são sete milhas. Esta igreja não experimentou mudança alguma desde a época da dominação cristã. Possui terras, que os crentes têm o hábito de doar, e riquezas trazidas pelos cristãos que ali se deslocam em peregrinação. Está situada num promontório que avança pelo Mar dentro. Sobre a cumeeira do edifício estão dez corvos, cuja ausência nunca ninguém pode constatar. Os padres que servem a Igreja contam destes corvos coisas maravilhosas, mas não se acreditaria em quem as repetisse. De resto, é impossível passar por lá sem tomar parte na refeição hospitaleira que a igreja oferece. É uma obrigação, um uso a que nunca se falta...”

No próprio cabo, onde desde o século XV se ergue o farol e fortaleza de S. Vicente, ou alguns quilómetros para o interior, em antiga e extinta localidade que se terá situado entre este e a actual Vila do Bispo (no actual Cerro dos Mouros), a Igreja do Corvo foi, portanto, alvo de intensa devoção.

Segundo tudo indica, este culto radica numa ancestralidade remota, marcando este território com o sinal do sagrado desde tempos primordiais.

FERVOR NEOLÍTICO

Datados de uma época entre finais do VI milénio a.C. e a primeira metade do V milénio a.C., estima-se um número aproximado de 300 menires no concelho de Vila do Bispo, constituindo uma das maiores concentrações em todo o território nacional. Com ou sem decoração incisa, talhados em calcário da região, são o testemunho eloquente da sacralidade do local já nesta era remota.

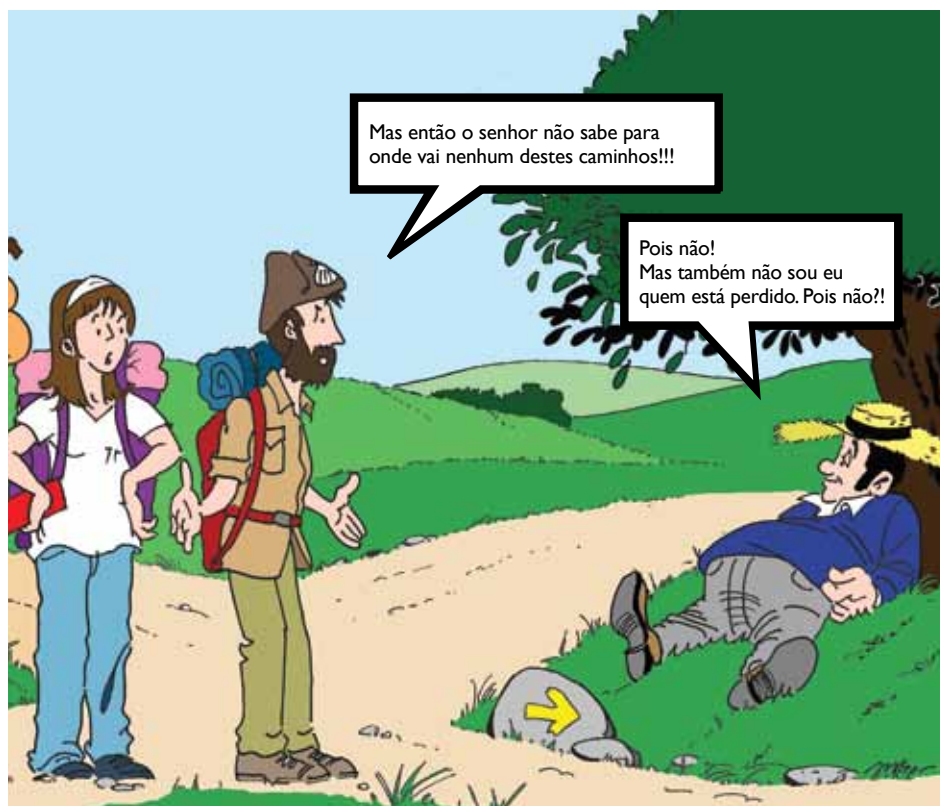
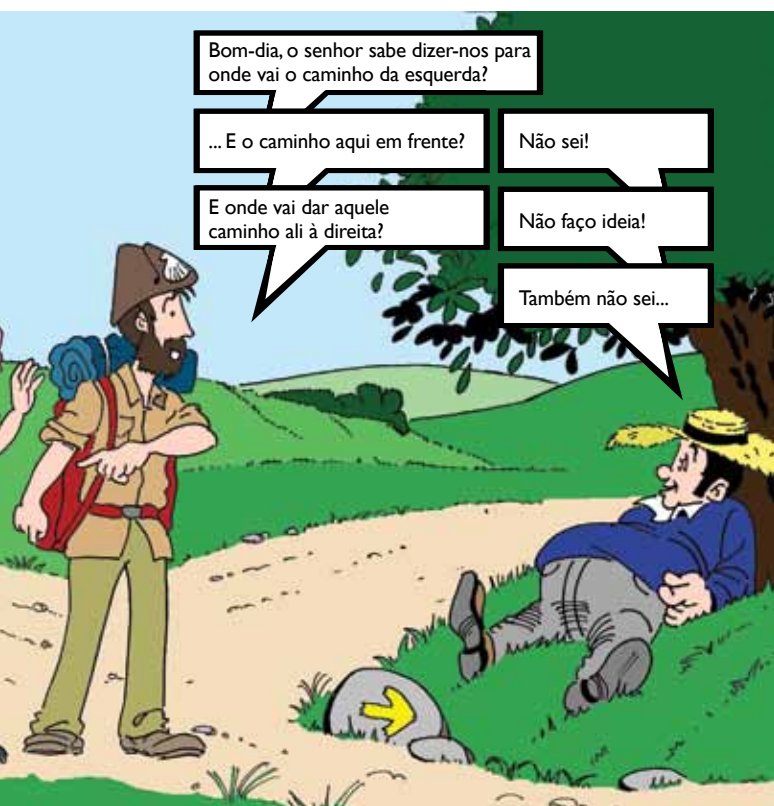
Embora a maioria destes megalitos esteja actualmente tombada e fracturada, em grande parte devido a campanhas medievais de destruição dos vestígios de culto pagão (muitos deles tinham forma e decoração claramente fálica), eles mostram-nos como já nestes primórdios da Humanidade esta finisterra impressionante chamava ao diálogo com o divino. O local onde o Sol, fonte de vida e de segurança, mergulhava nas águas do oceano desconhecido e tenebroso. O local onde era maior a proximidade com os deuses e onde era mais audível a prece para que o astro-rei não percesse nesse mergulho quotidiano e perigoso.

Há motivos para acreditar que, desde esta época, tenha havido uma permanente ocupação religiosa do *Promontorium Sacrum* dos romanos, adaptando-se o seu culto às sucessivas integrações religiosas posteriores.

Carácter mais ou menos constante é a marca da peregrinação: local ermo e longínquo, ele é destino de deslocação piedosa ou iniciática, adquirindo vocação de acolhimento de peregrinos. A Igreja do Corvo e o culto vicentino que nela se estabelece entre os séculos VIII e XII aparece, assim, como etapa cristã deste fenómeno mais profundo.

CARTOON

por MIGUEL ÂNGELO



A group of people wearing colorful rain ponchos (green, blue, red, yellow) are walking away from the camera on a muddy, gravelly path through a forest. The path is wet and reflects the colors of the ponchos. The forest has many bare trees, suggesting a rainy or overcast day. The overall mood is serene and adventurous.

CAMINHAR

WALKING

LOCALIZAÇÃO DOS TRILHOS

CAMINHO PORTUGUÊS
NA GALIZA
De Valença a Santiago de Compostela



VALENÇA
De Rubiães a Valença do Minho



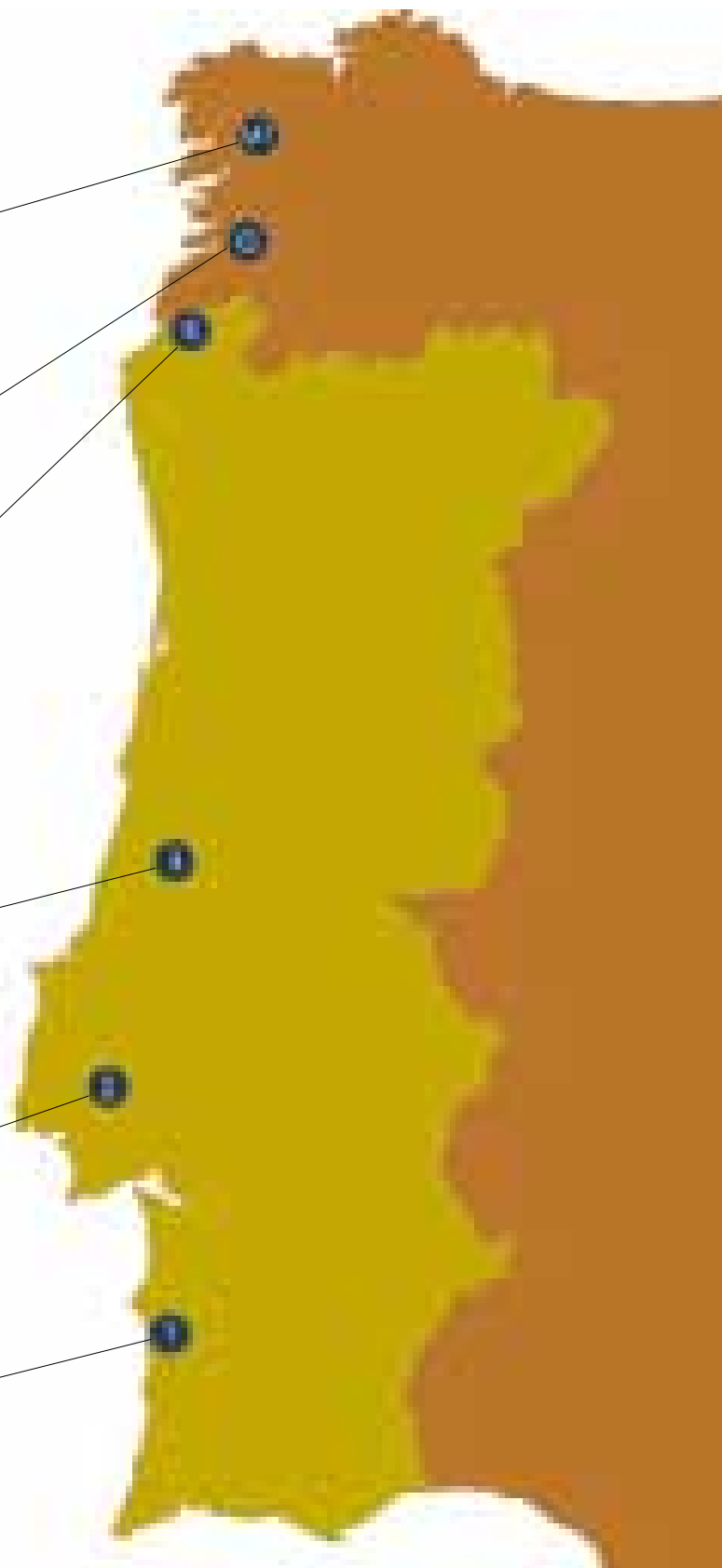
CERNACHE
Do Rabaçal a Cernache



SANTARÉM
Da Azambuja a Santarém



SANTIAGO DO CACÉM
Do Cercal a Santiago do Cacém



SANTIAGO DO CACÉM



CLASSIFICAÇÃO

Classificação / Rating **7/10**
ITINERANTE



31,4 km



8h00



570 m



Cercal / Santiago do Cacém



Sim|Yes



Sim|Yes



START

Cercal

GPS

N37° 48' 07.6"
W8° 40' 28.6"

END

Santiago do Cacém

GPS

N38° 00' 50.2"
W8° 41' 51.1"

Mapas/Maps IGeoE:

Folhas nº 516, 526, 527, 535, 536



DO CERCAL A SANTIAGO DO CACÉM

Este é um percurso pioneiro, no contexto dos caminhos de Santiago: é a primeira vez que é apresentado, não estando ainda “homologado”, nem sequer marcado no terreno. Resulta do trabalho da Revista Itinerante, apoiada por um dos mais conceituados investigadores na área do património histórico e religioso e pela Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

O percurso faz a ligação entre duas localidades do Baixo Alentejo – mais concretamente entre as suas igrejas matrizes – com inúmeras referências à passagem de peregrinos: Cercal e Santiago do Cacém. A maior parte do Caminho decorre em zonas agrícolas, com pisos de terra, com paisagens de grande beleza e com largos horizontes. Também tem uma componente forte de alcatrão, pela antiga Estrada Real, estreita, arborizada e muito agradável de percorrer, devido à paisagem circundante.

É uma etapa de grande extensão, com um pouco mais de 31 km, mas sem grande dificuldade, uma vez que o piso (tirando a lama em tempo de chuva) é muito fácil e não apresenta grandes desníveis a vencer. A chegada à bonita Igreja Matriz de Santiago do Cacém e à belíssima paisagem que dela se avista é uma boa recompensa para o esforço dispendido.

DESCRIÇÃO DO TRILHO ENTRE OS PONTOS DE INTERESSE

A → B

O trilho inicia-se na igreja matriz do Cercal, pela rua por trás da igreja. Atravessa-se a estrada nacional e continua-se em frente, até ao final da rua; aí, vira-se no primeiro caminho de terra à esquerda, a descer. Segue-se sempre este caminho até um cruzamento junto a algumas casas, onde se vira à esquerda. Na bifurcação seguinte segue-se novamente pela esquerda, até se chegar ao alcatrão, onde se vira à direita. Sai-se novamente para terra na primeira à esquerda. No próximo cruzamento segue-se em frente e, no entroncamento seguinte, para a direita, em estrada de terra batida. Sempre em frente, caminha-se por uma paisagem típica do Baixo Alentejo, com searas “salpicadas” de montes alentejanos, noutros locais entre sobreiros. Num cruzamento segue-se em frente, para se passar pela direita de uma albufeira. Segue-se sempre em frente, pelo caminho principal, até se chegar à estrada de alcatrão, logo depois de passar por Areias. No alcatrão, segue-se para a direita, por cerca de 800m e vira-se para a esquerda, na segunda saída em “cotovelo”, de terra. Segue-se em frente, vira-se à direita para estrada menos marcada, numa bifurcação com casa do Monte do Telheirinho à vista e depois novamente à direita, numa bifurcação muito pouco marcada. Vai-se para a esquerda no entroncamento e depois para a esquerda nas bifurcações seguintes. Junto a Moinhos Paneiro, no cruzamento, segue-se no caminho principal para a direita, até à N120. Volta-se à direita e segue-se em frente por cerca de 9 km pela estrada de alcatrão, antiga Estrada Real. Depois do marco que assinala os 700m, após passagem pelo marco dos 53 km, sai-se para a primeira estrada de terra à esquerda, até ao antigo Convento de Nossa Senhora do Loreto.

B → C

Continua-se pela estrada de terra, muito arborizada. Entronca-se com outra, que se segue para a direita, até se chegar novamente à N120, numa zona perto do cruzeiro do Chapéu Fora. Atravessa-se a estrada e continua-se sempre em frente, passa-se pela Aldeia dos Chãos, segue-se pela rua da Escola. O piso passa novamente a terra batida, até se chegar à N261, onde se vira à esquerda (poucos metros à direita encontra-se o Hipódromo romano). Segue-se na primeira à direita, pela Estrada das Cumeadas, até Miróbriga.

C → D

Continua-se pela estrada e sai-se (continuando, encontraríamos um pouco mais à frente um bonito moinho recuperado, ainda em actividade) na primeira à esquerda, por terra, a descer, até Santiago do Cacém. Atravessa-se a Av. D. Nuno Álvares Pereira e continua-se em frente, a subir, até se chegar ao antigo Hospital do Espírito Santo (Praça Conde de Bracial).

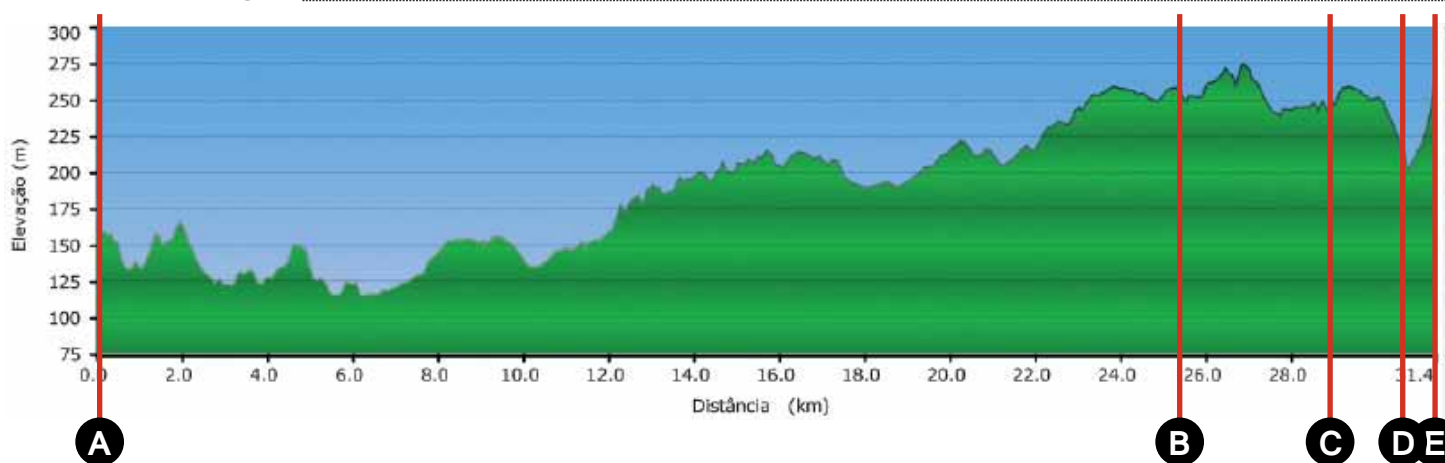
D → E

Continua-se a subir e depois para a esquerda, passando pela rua Condes de Avillez, depois direita para se chegar à bonita igreja matriz, que domina toda a paisagem circundante.

TRILHO PREPARADO COM O APOIO DE:

- Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja
- Câmara Municipal de Santiago do Cacém

PERFIL VERTICAL



FROM CERCAL TO SANTIAGO DO CACÉM

This route links two localities in the Baixo (Lower) Alentejo – more precisely their parish churches – with a variety of references to the passage of pilgrims: Cercal and Santiago do Cacém. Most of the trail stretches across inhabited farming areas on earthen paths, offering magnificent and wide-reaching views. It also includes a stretch on tarmac, the old Royal Road, a narrow and tree-lined track that is very pleasant to walk due to the surrounding landscape.

It is a rather long walk, stretching for about 31 km, but it is easily accessible since it offers a nice level walk (except when it gets muddy in rainy weather) and has no large climbs. Arriving to the beautiful parish church of Santiago do Cacém and the magnificent view we can have from there is a good reward for the effort made.

PONTOS DE INTERESSE/ REFERÊNCIA



A IGREJA MATRIZ DE N. SRA. DA CONCEIÇÃO

A igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, no Cercal, antiga igreja de Santa Maria, terá sido construída no século XV, acompanhando o desenvolvimento da povoação, sede de uma rica comenda da Ordem de Santiago. Sofreu importantes remodelações nos séculos XVI e XVII, mas o seu aspecto actual resulta da reconstrução efectuada após o terramoto de 1755, que produziu importantes

danos na estrutura primitiva do imóvel. No retábulo da capela-mor destaca-se a imagem de Santiago Peregrino. Trata-se de um interessante testemunho do Caminho de Santiago, que tinha aqui uma referência.

The N. Sra. da Conceição Parish Church in Cercal, previously known as Sta. Maria Church was probably built in the 15th century, a time of great development of the village that was granted to the Order of Santiago. It underwent important renovations in the 16th and 17th centuries and it was rebuilt following the earthquake of 1755 that had caused major damages to its primitive structure. It is an interesting testimony of the Way of Saint James.



B CONVENTO DO LORETO

O convento franciscano de Nossa Senhora do Loreto, fundado em meados do século XV por dois religiosos procedentes de Castela, Fr. Francisco e Fr. Vicente, com o patrocínio da família Pantoja, situa-se a Sul de Santiago do Cacém. Trata-se de um importante testemunho da arquitectura manuelina, de que restam ainda abundantes vestígios, alvo de um intenso esforço de valorização por parte da

Real Sociedade Arqueológica Lusitana, que os salvou de destruição certa nos finais da década de 1980. Este cenóbio, famoso pelas suas tradições de vida espiritual, foi um ponto de apoio à passagem dos peregrinos.

The Franciscan monastery of Our Lady of Loreto, built in the 15th century by two monks that came from Castela - Fr. Francisco and Fr. Vicente - with the support of the Pantoja family, is located south of Santiago do Cacém. It is an important testimony of Manueline architecture, of which many traces still exist.



C MIRÓBRIGA

Miróbriga representa um dos mais marcantes vestígios da ocupação dos romanos no Sudoeste de Portugal. Estende-se por mais de 2 km, apresentando ruínas de edifícios de habitação, ruas pavimentadas, um hipódromo (único referenciado em Portugal), termas (século II d.C.), uma ponte e um fórum (do século I d.C., situado na zona do "Castelo Velho", portanto com ocupação pré-romana, neste caso desde a Idade do Bronze).

Miróbriga represents one of the most important sites of Roman occupation in Southeast Portugal.

The ruins stretch for more than 2 km. There we can see the remains of houses, paved streets, an hippodrome (the only one that exists in Portugal), thermal springs and bathhouse (2nd century AD), a bridge and a forum (of the 1st century AD).



D HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO

Os peregrinos e outros viandantes de "pobre vida" que chegavam a Santiago do Cacém podiam recolher-se à protecção do hospital do Espírito Santo, no Rossio de Santa Maria, a praça tardo-medieval da vila. Esta instituição, fundada sob os auspícios de uma confraria, data verosimilmente da primeira metade do século XIV e deve ter beneficiado do mecenato de D. Vataça, então senhora da povoação. Pouco depois de 1500 ficou

integrada no património da Santa Casa da Misericórdia. Tem anexa a Igreja do Espírito Santo.

The pilgrims and other "poor life" travellers that arrived in Santiago do Cacém could find shelter in the Holy Spirit Hospital, in Rossio de Santa Maria, the medieval square of the village. This institution that was founded under the auspices of a brotherhood probably dates back to the first half of the 14th century. Shortly after 1500 it became property of the Santa Casa da Misericórdia. Adjacent to the hospital is the Igreja do Espírito Santo (Holy Spirit Church).



E IGREJA MATRIZ DE SANTIAGO DO CACÉM

Segundo a tradição, a primeira igreja a ser erguida em Santiago do Cacém após a "Reconquista" ficava no interior do castelo, onde existiu uma mesquita. Ao tomarem a terra, ao redor de 1217, os monges-guerreiros espatários deram-lhe a invocação do seu patrono, o apóstolo Santiago Maior, evangelizador das Espanhas, juntando-lhe mais tarde o topónimo árabe. O actual edifício foi

construído no primeiro terço do século XIV.

O monumento conserva o essencial da sua fábrica gótica, com três naves separadas por pilares de secção octogonal.

According to tradition, the first church to be built in Santiago do Cacém after the "Reconquest" was located inside the castle, on the site of a previous mosque. When they conquered the village around 1217, the warrior monks gave it the name of their patron, the apostle Santiago Maior, preacher in Spain, to which the Arab name (Kassem) was later added. The current church was built in the first half of the 14th century.

OUTROS PONTOS DE INTERESSE

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA BICA

Pequeno santuário rural, sito numa herdade – a Fonte Santa – que lhe tomou o nome. A sua origem está associada a um manancial de água, com virtudes terapêuticas, que brota de um rochedo. Uma velha tradição, já difundida no século XVIII, evoca um tópicos característico do culto mariano. Andando certo pastorinho a cuidar aqui do gado, queixou-se de sede à Virgem. Esta, apiedando-se da criança, pisou uma fraga e fez brotar uma nascente para lhe dar de beber. No bloco pétreo ficaram as marcas dos seus pés (há muito não perceptíveis). É provável que, como aconteceu em muitos outros pontos, se trate da cristianização de um culto mais antigo, porventura relacionado com pegadas de dinossaúrios.

This small rural sanctuary is located within a farm – the Herdade Fonte Santa (Holy Fountain farm) – that adopted its name. Its origin is linked to a spring of water with therapeutic virtues that flows out of a rock.

IGREJA SANTA MARGARIDA DA SERRA

A igreja de Santa Margarida da Serra data do século XV e foi profundamente remodelada na centúria seguinte. Constitui um interessante exemplo da arquitectura promovida pela Ordem de Santiago nas suas paróquias rurais, destacando-se pelo esplendor dos altares de talha dourada e policromada, a que acresce um notável acervo de pintura, escultura e artes decorativas dos séculos XVII e XVIII. O adro, transformado depois do terramoto de 1755, período em que a própria igreja recebeu importantes beneficiações, acolheu os peregrinos e outros viandantes oriundos do Sul e que atravessavam por aqui a serra de Grândola.

This church dates back to the 15th century and was profoundly renovated in the following century. It is an interesting example of the architecture that was promoted by the Order of Santiago in their rural parishes.



Próximo
número

Novembro 2010

POR TRILHOS

DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

PERCURSOS PEDESTRES



Não perca nenhum número! Assine. Coleccione. Ofereça.
www.itinerante.pt



dia mundial da diabetes

14 Novembro

SABE O QUE É A DIABETES TIPO 2?

REDUZA O RISCO!

faça
caminhadas



dance

pratique
natação



ande de
bicicleta

**A diabetes pode atingir-nos a todos.
Se não for tratada, pode ser grave!**

**30 minutos de exercício físico por dia,
podem reduzir em 40% o risco de desenvolver diabetes tipo 2.**



Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral

